

Reflexões Político-Culturais sobre o Passado e o Presente da Literatura Doméstica¹

Gustavo Vargas COHEN²

Resumo

O presente artigo apresenta reflexões acerca das utilizações da literatura doméstica para variados propósitos políticos e ideológicos, desde sua incipiência em meados do século XIX nos Estados Unidos. A ficção doméstica foi, e tem sido, usada como critério diretor para a normatização de papéis de gênero e para sua própria crítica, corroborando a noção de que a linguagem literária é produto e produtora de ideologia sócio-cultural. Implicações históricas e políticas apontam para a desvalorização e a negligência de obras literárias de escritoras como Sarah Orne Jewett, Mary Wilkins Freeman, Willa Cather e Eudora Welty, no momento em que as mesmas tratavam de papéis de gênero de maneira mais explícita.

Palavras-chave: Literatura doméstica. Papéis de gênero. Literatura político-cultural. Literatura sócio-ideológica.

Introdução

Produzida por homens e mulheres, a Literatura Doméstica (também conhecida como Ficção Doméstica ou Sentimental ou Feminina), em grande parte, visou desde sua incipiência suscitar a formação e a manutenção de paradigmas político-culturais e sócio-ideológicos referentes a papéis de gênero, mais especificamente, o papel da mulher na sociedade. A compreensão destes paradigmas nutre a compreensão de como a mulher representa a si mesma e como ela é representada de uma maneira geral na literatura. De acordo com os pontos-de-vista contemporâneos mais frequentemente utilizados na Academia em relação à abordagem do tema, parece insensato abordar a Ficção Doméstica (doravante FD) sem engajar-se em teorias de hegemonia e resistência. Muito

¹ Artigo adaptado e ampliado de parte do projeto de doutorado submetido e aprovado no processo seletivo 2009/2010 para ingresso no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

² Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande na área de Literaturas Estrangeiras Modernas, especialidade Literaturas de Língua Inglesa/bolsista CAPES/PAG/REUNI.

do que já foi dito e escrito sobre a FD está diretamente relacionado a representações de poder e conseqüentemente a resistência a ele. A figura da mulher *doméstica* tem sido, por mais de dois séculos, considerada assombrosa e assombrada, presumivelmente devido a seus posicionamentos que, frequentemente, desestabiliza(ra)m conceitos patriarcais sobre ideologia e oposição. A FD já se iniciou politicamente subversiva, em uma época em que doutrinas religiosas, como o Calvinismo radical, possuíam muito mais poder e influência do que possuem hoje. Essas doutrinas viam a humanidade como inerentemente depravada e a FD postulava ideais de bondade inatos à natureza humana e atribuía a sentimentos, e não a razão, o poder para guiar o ser humano a uma conduta correta.

Características, rumos e implicações

A escritora norte-americana Harriet Beecher Stowe (1811-1896), certa vez, sagazmente comentou que um lar de classe-média possui um sistema econômico alternativo que, por sua vez, questiona a estrutura de uma sociedade cada vez mais determinada por uma economia comércio-industrial ascendente (In: LEVY, 1992). Por esta e outras razões, muitas obras de FD de altíssima qualidade foram subavaliadas e pouco lidas, especialmente quando o trabalho tradicional e bem-sucedido de mulheres ocupava seu cerne. Encontramos evidências para tal mesmo em carreiras ilustres como as de Sarah Orne Jewett, Mary Wilkins Freeman, Willa Cather e de Eudora Welty. Pode-se notar que é exatamente no ponto específico de suas carreiras em que o papel dos gêneros é mais abertamente discutido que seus trabalhos são mais negligenciados.

Por isso, não é surpreendente que *Shadows on the Rock* seja, possivelmente, o romance menos valorizado de Willa Cather; que *A Tardy Thanksgiving* de Mary Wilkins Freeman raramente, se tanto, foi reimpresso; que *The Burning*, de Eudora Welty, recebeu nenhuma importância por parte dos críticos da época que, aparentemente, ignoraram de propósito a presença da domesticidade na história. Nos Estados Unidos, o trabalho doméstico passou a ser especialmente rotulado como trivial e invisível a partir de sua Guerra Civil, nos anos 60 do século XIX, embora certamente acontecesse antes, mas foi a partir daí que a tradição literária envolvendo enredos domésticos tornou-se similarmente marginalizada.

A historiadora Glenna Matthews (1997) discorre sobre esse processo de marginalização da FD em sua obra *Just a Housewife: The Rise and Fall of Domesticity in America*, na qual faz uma crônica sobre a América pós-1870 desvelando a influência e a eficácia da política *mainstream* no tocante à esfera doméstica centrada na mulher nos Estados Unidos no período anterior à guerra civil. Compreende-se, então, que o que ocorreu naquele país foi uma colisão, um embate, entre a cultura masculina e a feminina, vistas como antagonistas. Os enredos da FD proliferaram justamente neste período de esferas politicamente divididas.

Na ocasião, a própria crítica feita por mulheres parecia desmerecer a FD. A crítica literária Myra Jehlen (1997) publicou em um periódico feminista chamado *Signs* que não havia maneira possível para que as escritoras no século XIX pudessem competir artisticamente com Melville e seus pares porque nenhuma mulher poderia se assumir, visto que ela ainda estava por criar-se e isto, as sentimentalistas, aquiescendo às definições impostas por sua sociedade, não haviam feito.

Por outro lado, Jane Tompkins publica em 1985 um livro inovador chamado *Sensational Designs*, no qual ela ilumina esta “demonização” da FD explicando que tais ideias faziam parte de um mundo conservador e profetiza que tal visão tradicional está destinada a perder a força e desaparecer. Ela explica que o romance doméstico popular no século XIX representa um esforço monumental no sentido de reorganizar a cultura do ponto-de-vista da mulher e que a FD, em certos casos, oferecia críticas à sociedade americana muito mais devastadoras do que qualquer outra produzida por críticos mais renomados como Hawthorne ou Melville (TOMPKINS, 1985 *apud* ROMERO, 1997).

Mesmo com críticas ferozes de ambos os lados, o ideal da domesticidade foi uma presença insistente na cultura Norte-Americana daquele século. Não é surpreendente também que todos os romances de *New England* de Harriet Beecher Stowe contém retratos de mulheres que atingiram o status de possuidoras de *faculdade* (“faculty”). Entende-se por este termo: ser um dona-de-casa de competência exemplar. Nas palavras da própria Stowe, ter *faculdade* é ser detentora de *arte superior* (“high art”) (STOWE & CONGER, 1999).

Até pouco tempo, uma mulher escrevendo ficção sobre a vida doméstica estava destinada a ter sua escolha rotulada como uma estratégia político-econômica, como aponta Annis Pratt, em seu *New Feminist Criticism* (1971). Os aspectos domésticos de

seus trabalhos podem ser considerados como triviais, como fez Joyce Carol Oates em 1969 descrevendo a ficção de Eudora Welty, dizendo que seu tema é uma combinação bizarra de admiração aparentemente sem fim do *nonsense* feminino, i.e., da vida familiar, de comida, de parentes, de conversas e de idosos excêntricos (In: ROMINES, 1992).

Quanto à questão do papel de gênero, o filósofo e crítico literário da era vitoriana John Ruskin (1819-1900) condicionou a compreensão dos papéis masculinos e femininos à compreensão do conceito de *lar*. Para ele, a noção de lar é um lugar de paz, um abrigo de qualquer injúria ou terror, suspeita ou divisão. Ele alerta para os perigos de permitir que as ansiedades da vida externa – provenientes da sociedade hostil – penetrem no lar, desconfigurando-o como tal. Além do mais, o sacramento do lar somente se sustenta quando a *verdadeira esposa* está presente. Segundo ele, esta esposa deve ser sábia, porém não para auto-desenvolvimento, mas para auto-renúncia (In: JOHNSTON, 2001). Nesta linha de pensamento, a influência moral da mulher no lar é percebida em proporção direta a sua passividade e a sua sujeição à autoridade masculina, segundo Basch (In: Johnston, 2001). O papel do homem é o da ação, da mulher, o da emoção. As esferas da política e da vida pública são de domínio exclusivo do homem; é o seu papel manter a defesa do Estado. A tarefa da mulher relega-se a manter a ordem e o conforto deste Estado.

Felizmente, nem todos pensaram estes papéis da mesma maneira, e como nem todos vitorianos abraçaram este regime de papéis como seu dever nacional e religioso, de acordo com Andrew Blake, a própria natureza da ideologia é de que nunca há uma ideologia dominante, mas sim múltiplas ideologias que constantemente conflitem e competem e não necessariamente produzem uniformidade (in: AYRES, 1998).

Considerações finais

Ao examinar personagens e enredos de Charles Dickens, Brenda Ayres (1998) questionou se seus romances (de Dickens) eram ou não deliberadamente desenvolvidos para propagar a ideologia política da domesticidade. Ela explica que os textos de Dickens abertamente articulam e, possivelmente, manipulam interesses de um determinado grupo de pessoas – no caso Vitoriano especificamente, dos homens e de

suas ideias sobre o papel da mulher na sociedade, seus limites (da mulher), desde o tocante à sua conduta até suas aptidões morais e políticas.

Textos “masculinos” referindo-se às mulheres, portanto, podiam ser ditos normativos. As atitudes de Dickens perante a aprovação ou a reprovação de um comportamento feminino “divergente” são salientes e, algumas vezes, explícitos, e.g., através da descrição da personagem feminina e de suas ações e, outras vezes, implícitos, castigando a mulher via opiniões imbuídas de julgamentos tendenciosos cautelosamente dissolvidos no fluxo da narração. Por outro lado, Dickens não apresenta a autoridade patriarcal tampouco como figura imaculada, e sim como falha, frequentemente malévola e deficiente, o que atribui delicada textura a uma ideologia doméstica que coloca o poder não mãos do gênero, e não no bom caráter e na integridade.

As contradições abundam. No século XIX, de acordo com Ruskin, às mulheres era delegada a tarefa de elevar aqueles a sua volta, o que incluía as crianças, a um patamar mais elevado de moral e boa conduta, em outras palavras, a depreciação da habilidade do *anjo da casa* de semear e colher a bondade é uma severa claudicação da dinâmica ideológica (In: AYRES, 1998).

O século XIX também produziu mulheres que eram independentes e que podiam sobreviver no mundo sem a mão do homem; uma situação que invariavelmente ameaçava a ordem social e, conseqüentemente, as relações de poder entre gêneros. Quando uma mulher se fazia mais perspicaz que seu pai na escolha de um parceiro que, *a fortiori*, iria ajudá-la a realizar suas metas sociais, aí se dava o avanço ideológico-social.

A literatura de ficção desta época apresenta três áreas de conflito que complicam a ideologia doméstica. São elas (cf. AYRES, 1998): primeiramente as figuras masculinas, especialmente no papel de pais, não automaticamente merecem a autoridade que exercem ou o respeito que comandam meramente provenientes de suas privilegiadas posições sociais; em segundo lugar, as mulheres, independente de serem encaradas como exemplos ou não, nem sempre conseguem ocasionar mudanças sociais e morais; e em terceiro lugar, as mulheres de fato obtinham sucesso – seja atingindo a felicidade ou sobrevivendo à febre e à tuberculose ou fugindo ao circular e infinito trabalho doméstico. Possivelmente, a atual configuração familiar de classe-média (seja

esta qual for), não só na Inglaterra, mas no mundo, deve muito ao que hoje conhecemos historicamente como o *novo* fenômeno da burguesia social da sociedade vitoriana.

Referências

AYRES, Brenda. **Dissenting women in Dickens' novels**: the subversion of domestic ideology. Westport, CT: Greenwood Press, 1998.

JEHLEN, Myra. Signs, 1997. In: ROMERO, Lora. **Home fronts**: domesticity and its critics in the antebellum United States. Durham, NC: Duke University Press, 1997.

JOHNSTON, Susan. **Women and domestic experience in Victorian political fiction**. Westport, CT: Greenwood Press, 2001.

LEVY, Helen Fiddymet. **Fiction of the home place**: Jewett, Cather, Glasgow, Porter, Welty, and Naylor. Jackson, MS: University Press of Mississippi, 1992.

MATTHEWS, Glenna. Just a housewife: the rise and fall of domesticity in America, 1997. In: ROMERO, Lora. **Home fronts**: domesticity and its critics in the antebellum United States. Durham, NC: Duke University Press, 1997.

PRATT, Annis. The new feminist criticism. **College English**, 32, pp. 872-878, 1971.

ROMERO, Lora. **Home fronts**: domesticity and its critics in the antebellum United States. Durham, NC: Duke University Press, 1997.

ROMINES, Ann. **The home plot**: women, writing & domestic ritual. Amherst: University of Massachusetts Press, 1992.

STOWE, Harriet Beecher & CONGER, Danielle. **The minister's wooing**. Londres: Penguin Classics Series, 1999.

TOMPKINS, Jane. Sensational Designs, 1985. In: ROMERO, Lora. **Home fronts**: domesticity and its critics in the antebellum United States. Durham, NC: Duke University Press, 1997.